

NIHONJIN: UMA NARRATIVA SOBRE A MIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

[RESENHA]

Maurício Silva

Universidade Nove de Julho

Rita Couto

Universidade Nove de Julho

*Toda coisa perecerá caso se torne
exatamente igual às outras
[...]. A harmonia faz as coisas
prosperarem, ao passo que a
uniformidade as faz perecer.*
Umberto Eco

No caso do romance *Nihonjin* – vencedor dos prêmios Benvirá em 2011 e Jabuti em 2012 –, cuja tradução significa “japonês”, a migração se dá por orientação do imperador japonês aos seus súditos. Hideo Inabata é um súdito bastante fiel ao seu imperador, vindo para o Brasil na segunda década do século XX. O objetivo é simples: enriquecer e levar recursos para o Japão.

Publicado em 2011, a história de Inabata é narrada por seu neto que empresta voz e visão contemporânea à transformação do avô e ao sonho dele de voltar rico ao Japão. O autor do livro, Oscar Nakasato, é paranaense e neto de japoneses, atuando, presentemente, como professor de Literatura e Linguagem Tecnológica na Universidade Federal do Paraná. Nakasato, por meio dessa obra, reconstrói a história da imigração japonesa no Brasil.

Seu protagonista tem orgulho de ser japonês, é um homem inflexível à adaptação no país tropical e chega a ser preconceituoso até, mas a dura vida de colono na fazenda de café, a morte da primeira mulher e a impetuosidade e enfrentamento de um de seus filhos, Haruo, irão transformá-lo.

O estranhamento já se dá na chegada ao Porto de Santos: para Inabata, “logo as outras caras, criaturas estranhas, e principalmente a visão assustadora dos negros, estivadores carregando enormes cargas, gente jamais imaginada, nunca vista em gravuras de

livros” (NAKASATO, 2011, p. 17). E esse estranhamento irá segui-lo sempre, pois a língua e as culturas brasileiras são quase um abismo para quem chegava ao Brasil, vindo do “outro lado” do mundo.

Hideo se espanta com os colonos italianos. Todos trabalhando na fazenda de café “Ouro Verde”, em Minas Gerais: “e todos falavam muito alto, falavam muito rápido, falavam muito, homens e mulheres, todos ao mesmo tempo, e Hideo não sabia como poderiam se entender daquele jeito” (NAKASATO, 2011, p. 23). Resistindo à adaptação, suas atitudes são inflexíveis e autoritárias, chegando ao ponto de proibir sua mulher, Kimie, de ficar amiga de Maria, uma negra que, com seus chás e rezas, ajudava a todos que necessitavam. Porém, quando Kimie adocece é Maria quem faz com que ela saia, e Hideo vai até sua casa para agradecê-la. Hideo acaba, ainda, por se desentender com o capataz da fazenda, já que vivia em condição análoga de escravidão. Agora, na condição de viúvo, casa-se com Shizue, com quem tem cinco filhos. Por fim, dando um basta na condição de quase escravizado, ele arrenda, junto com o sogro, um sítio.

A desilusão de enriquecer e voltar para o Japão, a discussão com Satosan, outro migrante, começam a modificar Hideo, mas é o enfrentamento do filho Haruo que o faz mudar de ideia: “sem querer já pensava no futuro em terras brasileiras, talvez na cidade, onde os filhos poderiam exercer alguma profissão mais rentável que a de lavrador” (NAKASATO, 2011, p. 73).

O conflito de quem migra começa já num conflito consigo mesmo e ele nunca deixará de existir, pois raramente

alguém quer deixar espontaneamente sua cidade, sua casa, seus parentes e amigos, fazendo isso, muitas vezes, por uma questão de sobrevivência.

Nesse romance, Nakasato consegue emocionar o leitor, principalmente àqueles que se identificam com os personagens e com os conflitos por eles vividos. Para Umberto Eco, em seu livro *Migração e intolerância*, “a compreensão mútua entre culturas diversas não significa avaliar a que o outro deve renunciar para se tornar igual, mas compreender mutuamente o que nos separa e aceitar essa diversidade” (ECO, 2020 p. 90-91).

Mas, na época em que se passa o romance, havia a guerra, e as relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, a Itália e o Japão – os chamados *países do eixo* – romperam-se. Getúlio Vargas dificultará bastante a convivência entre a colônia japonesa e a sociedade brasileira.

Nesse contexto, Nakasato, ao relembrar a Portaria criada pela Superintendência de Segurança Política e Social em São Paulo, cita a proibição de se reunirem, ainda que em casas particulares, a título de comemoração de caráter privado; de discutirem ou trocarem ideias, em lugar público, sobre a situação internacional; “do uso do idioma das mesmas potências, em concentrações em lugares públicos (cafés, etc.)” (NAKASATO, 2011, p. 89).

Os conflitos entre os japoneses e os brasileiros acirram-se, e a convivência torna-se mais complicada e difícil: “um amigo, Tanakasan, foi advertido por um policial na rua porque cumprimentara um outro dizendo “Konnichiwa”. E Noda

Sensei, bonsan do Nishi, foi preso porque rezava um culto em japonês” (NAKASATO, 2011, p. 90).

A xenofobia estava praticamente institucionalizada, e Hideo sente na pele essa insuportável situação. Mas, sempre orgulhoso de ser japonês, ele se associará a Kodoshu “para unificar a colônia japonesa no Brasil” (NAKASATO, 2011, p. 91). A ideia era trazer novos componentes para o grupo que resistia, no intuito de “manter firmes laços de fidelidade ao imperador” (NAKASATO, 2011, p. 91).

Fica claro pela leitura do romance que a história da migração japonesa no Brasil foi marcada por muitas dificuldades, desde a distância geográfica até a adaptação da língua, da cultura, dos costumes e dos hábitos alimentares. Os que aqui chegavam eram migrantes pobres, que acreditavam que enriqueceriam. Hideo Inabata vem ao Brasil acreditando nisso, mas logo percebe que havia se iludido: começa como colono numa fazenda de café, chega a arrendar um sítio para sair da condição de quase escravidão, mas percebe que não consegue lucrar o que desejava e, agora com cinco filhos, precisa sustentá-los. Enfim, encontra saída no comércio e abre uma loja no bairro da Liberdade, conforme tantos outros o fizeram...

Hideo não desiste, contudo, seguindo orgulhoso de sua nacionalidade; não se entrega às dificuldades que encontra em sua jornada – tal qual um bambu, verga, mas não se deixa quebrar. Assistimos e nos emocionamos, por meio de uma linguagem direta e enxuta, a transformação desse migrante japonês em terras brasileiras.

Nakasato toca numa ferida histórica, gerada durante a Segunda Guerra Mundial, e fala da ingenuidade de alguns japoneses que acreditavam que o Japão havia saído como vencedor dessa Guerra. É Haruo o filho de Hideo que com ajuda da publicação de um artigo, quer fazer sua gente refletir, já que aqueles que não acreditavam nessa mentira eram considerados traidores da pátria. Em uma parte de seu artigo ele diz: “para aqueles que ainda não aceitaram a rendição japonesa e sustentam a ideia da vitória do Japão na Segunda Guerra Mundial, este é o momento de se fazer uma reflexão” (NAKASATO, 2011, p. 134).

O Brasil atual abriga a maior população de japoneses fora do Japão e, apesar de tantas diferenças, eles participaram e participam das mazelas e do desenvolvimento desse país. A Literatura nos dá conhecimento da realidade por meio da ficção. E esse romance de Nakasato faz isso com grande maestria. ■

[MAURÍCIO SILVA]

Docente de Mestrado e Doutorado na Universidade Nove de Julho. Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. E-mail: maurisil@gmail.com

[RITA COUTO]

Mestra em Semiótica das Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e ex-docente da Universidade Nove de Julho, em São Paulo. Atualmente está à frente do podcast *Conversa Com Rita*, que aborda temas ligados à literatura contemporânea. E-mail: rita.oliverio@gmail.com

Referências

ECO, Umberto. *Migração e Intolerância*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

NAKASATO, Oscar. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.